

Cadernos Teologia Pública



Igreja e evangelização: provocações da pandemia Parte III - Vinho novo, odres novos

Organizadores: Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães

ISSN 1807-0590 (impresso) • ISSN 2446-7650 (Online)
ano XVII • número 149 • volume 17 • 2020

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



 UNISINOS

Igreja e evangelização: provocações da pandemia

Parte III - Vinho novo, odres novos

Apresentação

Este texto é o resultado de discussões realizadas no Grupo de Pesquisa “Teologia e Pastoral” – do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) – que reúne pastoralistas, pesquisadores/as e estudantes das Instituições Católicas de ensino e formação em teologia e pastoral de Belo Horizonte: ISTA, FAJE, PUC Minas, Centro Loyola. Ele surgiu como uma possível ajuda para pensar a pastoral durante e após a pandemia. Iniciativas editoriais diversas têm surgido como chaves de interpretação deste tempo, tanto na filosofia quanto na teologia. As leituras e discussões de algumas delas, a organização do “Tecendo redes. Diálogos online de Teologia Pastoral”, com painéis mensais trazendo alguns dos conferencistas previstos para o Congresso Brasileiro de Teologia Pastoral, organizado pelo Grupo, junto com outras instituições teológicas do país, em maio de 2020, motivaram o Grupo a dizer sua própria palavra sobre os impactos da Covid-19 para a evangelização no Brasil.

Os textos aqui reunidos fazem parte de uma proposta articulada em três eixos: 1. “O fim de um mundo?”; 2. “As dores do parto”; 3. “Vinho novo, odres novos”. Cada eixo é, por sua vez, composto de três capítulos. O terceiro eixo, ao qual o/a leitor/a tem acesso neste número dos Cadernos de Teologia Pública do IHU, aponta para o futuro. O primeiro capítulo, “Fermento para uma nova cultura”, escrito por Moema Miranda (ITF/REPAM), Rosana Manzini (ITESP) e Francys Silvestrini Adão (FAJE), explora de modo criativo a metáfora do fermento, mostrando como ela pode ajudar a pensar uma nova cultura a partir do que se aprendeu nesse tempo da Covid-19. O segundo, “Igreja

doméstica e em saída digital. Horizontes novos para a vivência da fé cristã”, de autoria de Edward Guimarães (PUC Minas) e Moisés Sbardelotto (UNISINOS), explora duas perspectivas promissoras para o futuro da pastoral: a da igreja nas casas e a da cultura digital. O terceiro, “Sopradores de brasas”, uma entrevista com Dom Joaquim Mol (PUC Minas, Arquidiocese de Belo Horizonte), recolhe, à luz da metáfora do “sopro das brasas”, os ensinamentos da pandemia para a evangelização, apontando as possíveis mudanças a serem feitas, as oportunidades abertas, além de evocar as reações de pessoas e grupos que buscam um retorno ao “antigo normal”, como se nada tivessem aprendido desse tempo.

Oxalá esta terceira parte também possa fecundar a pastoral da Igreja no Brasil.

Os organizadores.

**Igreja e evangelização:
provocações da pandemia
Parte III - Vinho novo, odres novos**

Organizadores: Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães

Cadernos Teologia Pública é uma publicação impressa e digital quinzenal do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: *Marcelo Fernandes de Aquino, SJ*

Vice-reitor: *Pedro Gilberto Gomes, SJ*

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor: *Inácio Neutzling, SJ*

Diretor Adjunto: *Lucas Henrique da Luz*

Gerente administrativo: *Nestor Pilz*

www.ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

Ano XVII – Vol. 17 – Nº 149 – 2020

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (Online)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling

Conselho editorial: MS Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Bel Guilherme Tenher Rodrigues; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Profa. Dra. Ana Maria Formoso, Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso, doutora em Educação; Prof. Dr. Christoph Theobald, Faculdade Jesuíta de Paris-Centre Sèvres, doutor em Teologia; Prof. Dr. Faustino Teixeira, UFJF-MG, doutor em Teologia; Prof. Dr. Felix Wilfred, Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia; Prof. Dr. Jose Maria Vigil, Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação; Prof. Dr. José Roque Junges, SJ, Unisinos, doutor em Teologia; Prof. Dr. Luiz Carlos Susin, PU-CRS, doutor em Teologia; Profa. Dra. Maria Inês de Castro Millen, CES/ITASA-MG, doutora em Teologia; Prof. Dr. Peter Phan, Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia; Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner, ESTRS, doutor em Teologia.

Responsáveis técnicos: Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Bel Guilherme Tenher Rodrigues.

Revisão: Carla Bigliardi

Imagem da capa: Patrícia Kunrath Silva

Editoração: Ricardo Machado e Guilherme Tenher Rodrigues

Impressão: Impressos Portão

Cadernos teologia pública / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2004) – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004. – v.

Irregular, 2004-2013; Quinzenal (durante o ano letivo), 2014.

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-teologia>>.

Descrição baseada em: Ano 11, n. 84 (2014); última edição consultada: Ano 11, n. 83 (2014). ISSN 1807-0590

1. Teologia 2. Religião. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 2

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos Teologia Pública: Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil
Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467
Email: humanitas@unisinos.br

Fermento para uma nova cultura

Moema Miranda

Professora na Ordem Franciscana Secular (OFS) e
assessora na Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM)

Rosana Manzini

Coordenadora do Núcleo de Estudos de Doutrina Social da Igreja da PUC-SP
e assessora da Rede Latinoamericana del Pensamiento Social del la Iglesia - REDLAPS

Francys Silvestrini Adão SJ

Doutor em Teologia Fundamental e Sistemática pelo Centre Sèvres - Facultés Jésuites de Paris
e professor de teologia sistemática na FAJE

“Das grandes provações da humanidade, dentre elas a pandemia, ou se sai melhor ou pior. Não se sai igual”. Esta frase do papa Francisco traz um grande alerta: um mundo novo já está surgindo das entranhas desta pandemia, mas a qualidade humana deste mundo ainda é uma incógnita, não é autoevidente. Tudo dependerá das opções que,

pessoal e coletivamente, iremos fazendo. É necessário, então, lidar com este tempo atípico como uma crise: um tempo que apela ao juízo, que traz a urgência de despertar consciências e tomar as melhores decisões. Segundo nosso título – retomando uma inspiração evangélica –, a Igreja não está nem acima nem abaixo dos outros atores sociais, mas deseja ser como um “fermento”. Gostaríamos de nos apoiar nesta metáfora inspiradora para refletir sobre o papel das discípulas e dos discípulos de Jesus na construção de uma nova Cultura mais solidária, compassiva e fraterna.

Destacamos quatro características do fermento que nos parecem bastante instigantes. Primeiramente, (1) o fermento não é o ingrediente principal de uma receita: ele só realiza aquilo que lhe é próprio quando provoca transformações na mistura dos outros ingredientes, dos quais ele reconhece o protagonismo. Em segundo lugar, (2) o fermento é um ingrediente discreto: no resultado final de uma receita, ele já não é mais visto em sua forma original, mas é percebido pelos efeitos que provoca quando entra em comunhão com o diferente. Em terceiro lugar, (3) sua função principal é fazer crescer, evitando, assim, que um pão ou um bolo fiquem “solados”, demasiadamente compactos, pesados e, poderíamos dizer, colados ao “solo”. E,

por fim, (4) é curioso o processo por meio do qual ele provoca transformações: o fermento faz brotar o ar, o sopro, o vento no próprio interior da massa, abrindo e, às vezes, rasgando nela espaços necessários a seu crescimento, leveza e sabor. Se a Igreja é chamada a ser, neste mundo, um sacramento da humanidade reconciliada, podemos sonhar que, na nova Cultura emergente, a humanidade poderá realizar-se mais plenamente ao assumir sua condição de fermento neste mundo. Integrando com leveza e cuidado a comunidade da vida, a humanidade pode ser porta-voz do louvor a Deus que se expressa em toda a Criação, escutando e dando voz às sutis boas notícias dos seres silenciosos e às dores de todos os seres brutalmente silenciados. Vejamos o que isso poderá significar.

(1) Tecer novas relações e apreciar o protagonismo do diferente. Durante séculos – e de modo mais acelerado a partir da modernidade ocidental –, a separação entre Natureza e Cultura foi sendo enfatizada, com sérias consequências éticas, sociais, teóricas e espirituais. A consciência da distinção entre os seres humanos e os outros seres foi caminhando rumo a uma cisão, alimentando processos hegemônicos e despóticos, não somente entre a humanidade e o conjunto da Criação, mas também entre os próprios seres humanos, ampliando conflitos sociais,

étnicos, religiosos, sexuais, geracionais etc. Deixando-se iluminar pela nova Cultura ecológica em gestação – já tão antiga em tantos povos originários! –, os discípulos e discípulas de Jesus podem descobrir e ajudar seus irmãos humanos a descobrirem uma nova faceta de sua dignidade: o que é mais próprio da dignidade humana é nossa capacidade de dignificar, de reconhecer a dignidade dos outros, a dignidade de toda a Criação de Deus. Só há dignidade de tudo e de todos onde foram vencidos o autocentramento, a autorreferencialidade, o sentimento e o pensamento que justificam uma pretensa superioridade de uns sobre os outros.

(2) Alegrar-se por sermos parceiros e parceiras discretos de um projeto maior do que nós. Não haverá nova Cultura, nova humanidade, novas relações sem uma nova capacidade de diálogo, de debate de ideias, de escuta da diversidade de valores presentes em nossas sociedades plurais. Neste sentido, a discrição do fermento inspira novos modos de viver os processos sociais transformadores. Dignas de nota são as diversas iniciativas promovidas pelo papa Francisco desde o início de seu magistério, inspiradas no princípio de sinodalidade, a arte de caminhar juntos. Vários foram os encontros com movimentos sociais, cientistas, educadores, economistas,

povos originários... À base desses encontros, uma certeza comum: ninguém detém, sozinho, as respostas para superar as crises da humanidade e avançar rumo a um mundo mais conforme ao Reino de Deus. Por isso, a atitude de escuta mútua revela-se como a única via lúcida para que os diversos atores sociais intuam e construam juntos novos caminhos para a ciência, para a educação, para a economia, para a ecologia, para a Igreja.

(3) Reconhecer que o crescimento de uns só faz sentido com o crescimento de todos. Há várias maneiras de se conceber o tipo de crescimento que pode trazer alegria ao mundo que irá surgir neste pós-pandemia. Alguns modelos de crescimento, fundados na ilusão de um progresso ilimitado, mostraram-se predatórios, incentivando a devastação das riquezas naturais dos distintos biomas para a reprodução, em larga escala, de alguns poucos produtos (normalmente grãos e gado), com benefícios para um pequeno grupo de privilegiados. A nova consciência ecológica alerta para a importância da biodiversidade e denuncia o caráter homogeneizador das práticas de produção das grandes indústrias agropecuárias. Um olhar espiritual contemplativo também é capaz de reconhecer, na beleza da Criação, a verdade contida na máxima “quanto mais diverso, mais divino”. Assim, o crescimento

a ser buscado nesta nova Cultura pós-pandêmica deveria ser duplo: o cuidado e a conservação da riqueza natural que nos foi confiada pelas gerações que nos precederam e o aumento da qualidade de vida dos grupos menos favorecidos, que não são beneficiados pelas produções em larga escala. É urgente e imprescindível promover o aprendizado e a valorização da partilha como antídoto contra o desejo insustentável de acumulação. Além disso, é necessário falar de um crescimento ético que se faz urgente e necessário: o estabelecimento de limites à nossa capacidade produtiva. Na encíclica *Laudato Si'*, o papa Francisco, de modo recorrente, convida a humanidade a experimentar a realização mais completa de sua liberdade diante da escolha de uma autolimitação consciente e responsável. O paradigma da não-destruição deverá reger as decisões relativas ao crescimento ou à desaceleração.

(4) Devolver a saúde pneumática ao mundo, sem temer os possíveis conflitos. Devemos reconhecer que a pandemia atual traz consigo uma poderosa metáfora. A enfermidade que este vírus provoca afeta o sistema respiratório, provocando uma espécie de asfixia. O parasita, inconsciente e inconsequente, sufoca seu hospedeiro, decretando, ao mesmo tempo, o fim de sua própria existência. Não tem sido esse o comportamento da hu-

manidade, nos últimos séculos, em relação aos recursos de nosso planeta? O fermento, como vimos, faz brotar o ar dentro da massa, criando novos espaços. Todas as religiões e tradições espirituais são convocadas a colaborar com a elevação ética da humanidade, ajudando as pessoas e as sociedades a tomarem consciência de que a vida saudável depende do respiro: inspiração e expiração, recepção e doação, personalização e comunhão. Porém, rasgar novos espaços numa massa compacta, embora seja fundamental, não será sempre uma atividade confortável. É necessário dar nome a tudo aquilo que prende esta massa ao solo, que não lhe permite ganhar a leveza e o sabor aos quais ela é chamada. Faz parte da missão das religiões identificar e nomear as forças do mal, aquilo que, em regime cristão, chamamos de Anticristo e Antirreino. Aqui, uma vez mais, o papa Francisco é um grande líder inspirador. Ele não hesita em denunciar uma economia que mata, uma indústria que prefere as armas ao alimento, uma política que manipula e corrompe, ao invés de liderar processos de superação da desigualdade, um nacionalismo que fecha as portas à fraternidade, uma igreja mais preocupada com seus privilégios históricos do que com o Evangelho de Jesus Cristo.

Não podemos ser ingênuos: existem e sempre existirão grupos humanos poderosos que resistirão à emergência de qualquer Boa Nova para os pobres, os cativos, os cansados, os desesperados... Com o avanço técnico e tecnológico, esses grupos ampliaram exponencialmente sua capacidade de produção, mas também de destruição. Agem como predadores da Natureza e de outros seres humanos, com uma voracidade sem limites. Como devemos lidar com eles? Não há, evidentemente, respostas prontas. Mas se as Escrituras cristãs, por um lado, falam em “não resistir ao violento”, por outro, falam também, em linguagem apocalíptica, do grande combate contra o Dragão devorador. A emergência de uma nova Cultura e de uma nova humanidade depende da vitória de uma humanidade propriamente eucarística – capaz de viver o dom de si para o sustento de toda a Criação – contra uma lógica autocentrada e voraz.

O fermento não existe em função de si, mas voltado à existência de um pão ou de um bolo mais nutritivos, saborosos, leves. O bolo e o pão, por sua vez, também não existem em função de si mesmos, mas para alimentar a vida e proporcionar mais prazer e alegria àqueles e àqueles para quem eles foram feitos. Do mesmo modo, só podemos desejar – e colaborar ativamente com isso!

– que a nova humanidade que está sendo gestada no interior desta crise pandêmica aprenda que a partilha de tudo o que somos e possuímos com quem não é e não possui da mesma maneira que nós é a condição para o surgimento de um mundo mais bonito, diverso, humano e divino, onde todos possam crer, esperar e amar.



Moema Miranda. Professora na Ordem Franciscana Secular (OFS), é antropóloga, com Mestrado em Antropologia Social, pelo Museu Nacional da UFRJ e doutoranda em Filosofia pela PUC-Rio. Integra a equipe docente do Instituto Teológico Franciscano (ITF). É assessora da Comissão Episcopal Pastoral Especial para Ecologia Integral e Mineração, CEEM/CNBB. É secretária da Rede Iglesias y Minería, da qual participam 70 entidades da América Latina, e membro da Coordenação Nacional do Serviço Inter-franciscano de Justiça e Paz e Ecologia (SINFRAJUPE). Atua como assessora na Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM) tendo participado como Auditora no Sínodo para a Amazônia.



Rosana Manzini. Bacharel em Teologia pela Faculdade Dehoniana, pelo aproveitamento de Curso Livre cursado na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção - SP (1991), Mestrado Canônico em Teologia Moral pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção - SP (1994), Mestrado em Teologia Prática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Professora da PUC-SP, onde leciona disciplinas de Teologia Moral. Coordenadora do Núcleo de Estudos de Doutrina Social da Igreja da PUCSP. Assessora da REDLAPSI (Rede Latinoamericana del Pensamiento Social del la Iglesia).



Francys Silvestrini Adão. Jesuíta, bacharel em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE-BH (2005) e em Teologia pelo Centre Sèvres - Facultés Jésuites de Paris (2011). É mestre em Teologia Sistemático-Pastoral pela PUC-Rio (2013). É doutor em Teologia Fundamental e Sistemática pelo Centre Sèvres - Facultés Jésuites de Paris (2019). Professor de teologia sistemática na FAJE. Área de pesquisa: estudo de método(s) e epistemologia teológica, com especial atenção à relação entre Teologia e Cultura(s).

Igreja doméstica e em saída digital **Horizontes novos para a vivência da fé cristã**

Edward Guimarães

Doutor em Ciências da Religião pela PUC Minas e membro da
atual diretoria da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião - SOTER

Moisés Sbardelotto

Mestre e doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do
Rio dos Sinos - UNISINOS e colaborador do Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Este texto se propõe explorar e refletir sobre aspectos decisivos da vivência da fé cristã, do ser Igreja de Jesus Cristo, que, neste longo contexto de pandemia, afloraram bem fortemente, seja como exigência pastoral diante de urgências, seja como dinamismo profético a exigir respostas novas diante dos sinais do tempo. Ele está organizado em duas partes: a primeira aborda a “Igreja doméstica”, e a segunda reflete sobre o chamado a ser uma “Igreja em saída” também no ambiente digital.

Igreja doméstica

Por inúmeras razões, a vivência da fé cristã, o modo de ser cristão, foi perdendo paulatinamente a força de sua capilaridade e de sua dimensão doméstica, familiar, vivida no interior do espaço sagrado das casas, com inúmeros desdobramentos para a vida eclesial e em sociedade. A opção pela estrutura organizativa paroquial da vida cristã, com seus ritos litúrgicos sacramentais, especialmente a celebração da eucaristia, do batismo-crisma, da penitência e do matrimônio, com suas exigências e obrigações, concentrou tudo em torno do que passou a ser vivido no interior dos templos, das igrejas. Tudo passou a ser centralizado sob o poder hierárquico do clero. No senso comum, até hoje, em muitos lugares, o “sair de casa para ir à igreja”, o não faltar à missa aos “domingos e festas de guarda”, concentra o critério decisivo para definir quem é cristão católico praticante ou não. Os processos decisórios, as reuniões de planejamento, os encontros, os ritos sacramentais, a catequese, as festas religiosas e, até mesmo, grande parte das devoções passaram a ser

vividas praticamente no interior ou ao redor do templo e sob o controle do clero¹.

Essa configuração da fé cristã há tempos se mostra esclerosada. Não responde ao contexto epocal, onde as pessoas, praticamente em todos os âmbitos da vida, se experimentam como sujeitos ativos de seus processos e sedentos de reconhecimento, relação dialógica, autonomia e participação. Sem criar condições para o exercício criativo da subjetividade, torna-se praticamente impossível, na vivência da fé cristã, haver crescimento significativo, conquista da maioria na fé, desenvolvimento da autonomia e do senso de corresponsabilidade na missão.

A pandemia da Covid-19, com o necessário distanciamento social e o conseqüente fechamento dos templos, explicitou, mais do que a impossibilidade do tradicional funcionamento da dinâmica paroquial, a inadequação de um cristianismo centrado nas mãos do clero, sem sinodalidade, sem dinâmica ministerial ampliada, com projetos pastorais instigantes, desafiantes e envolventes, e sem ca-

1 Esta centralidade do vivido no templo e sob o controle do clero pode ser observada, com as devidas diferenças, em muitas outras denominações protestantes e evangélicas pentecostais e, sobretudo, neopentecostais. Nesse sentido, acreditamos que o que aqui será apresentado pode servir para alimentar a reflexão cristã em sua multieclesialidade.

pilaridade participativa e corresponsável na vida eclesial e na sociedade.

Que queremos dizer quando dizemos “Igreja doméstica”?

Entendemos por “Igreja doméstica” a vivência cotidiana da fé cristã de forma autônoma e corresponsável, no dinamismo concreto da vida dos convertidos e convertidas ao Reino de Deus. Trata-se de realidade iluminada e impulsionada pela fé que se torna seguimento de Jesus, cultivada no seio da dinâmica interna da vida familiar, com seus múltiplos desdobramentos para a vizinhança, o bairro, a comunidade, o trabalho, a participação nos movimentos populares, nas pastorais, na política, enfim, em todos os âmbitos da vida eclesial e em sociedade. Compreende-se, portanto, como um cultivo diário da vida nova, do jeito de viver e conviver, que vai se moldando, se transformando e se purificando continuamente na olaria da experiência do amor de Deus e do amor compartilhado na família e na sociedade. Realidade, conseqüentemente, muito mais ampla do que o que é vivido e compartilhado no espaço do templo. Tudo o

que é refletido e vivido no templo, na leitura da Palavra de Deus, nas dinâmicas impulsionadas pela comunidade de fé, visa a alimentar os horizontes da “Igreja doméstica” como lugar próprio para internalizar o sentido de ser cristão.

A “Igreja doméstica”, como expressão da inquieta e criativa vivência da fé cristã no cotidiano da vida das pessoas, está muito presente nas origens. Primeiro, o próprio Jesus, de muitas maneiras, deixou-se fecundar pelo húmus da experiência doméstica cotidiana para expressar o dinamismo do Reino de Deus presente e atuante no meio de nós (Mt 7, 24-27; 13, 33). Ele muitas vezes utilizou o espaço da casa, o círculo familiar, para vivenciar a fé com seus discípulos e discípulas (Mc 14, 12-25). Segundo, ao envolver seus seguidores e seguidoras na missão, deu atenção primária para a realidade vivida nas casas (Mc 6, 10-12). Terceiro, o livro do Ato dos Apóstolos, ao narrar a vida dos primeiros cristãos, descreve a experiência de Pentecostes no espaço da casa e não do templo (At 2, 1-4) e a das primeiras comunidades cristãs o faz enquanto “Igreja doméstica” (At 2, 42-47). Quarto, a grande referência de atuação dos apóstolos, sobretudo Paulo, ao formar comunidades cristãs era o espaço da casa e não o do templo (Rm 16,5; 1Cor 16,19; Cl 4, 15). Quinto, no

centro da experiência da fé cristã está a gratuidade da iniciativa do amor divino que nos torna membros da família de Deus: somos filhos e filhas do mesmo Abbá querido e, portanto, chamados a viver como irmãos e irmãs, enraizados em Cristo Jesus (1 Jo 4, 7-9.19-21).

A “Igreja doméstica” em contexto de pandemia

O contexto da pandemia, com as exigências sanitárias do “ficar em casa”, impulsionou a tomada de consciência da centralidade da “Igreja doméstica” no dinamismo da vida cristã. Colocou na pauta das discussões e reflexões teológico-pastorais o sentido e o papel da “Igreja doméstica” no conjunto da ação evangelizadora e na missão do Reino.

No entanto, importa dizer que a “Igreja doméstica” não surge como uma saída emergencial, espécie de via secundária que se recorre em contextos especiais quando se está impedido de utilizar a via principal da paróquia e da centralidade do templo e do clero. Ao contrário, a “Igreja doméstica” impõe-se como o lugar do cultivo da intimidade, da internalização afetiva e efetiva e do aprofundamento da experiência da fé cristã. E, se observar-

mos com atenção, ela é, na verdade, a “Primeira Igreja”, pois, é no seio familiar, no aconchego do lar, que a maioria das pessoas nasce, é recebida e recebe os primeiros e os últimos cuidados, na infância e na senilidade. Quando a família não tem boa estruturação e equilíbrio afetivo, social e econômico, a vida das crianças e dos idosos é envolvida em situações trágicas de abandono e de violência. O espaço doméstico é onde a maioria das pessoas aprende os princípios e os valores básicos e estruturantes para a vida, onde se testemunham e se cultivam os bons costumes.

A “Igreja doméstica”, como qualquer outra realidade humana, é marcada pela ambivalência humana e, portanto, pela carência de conversão. Se na Igreja, nas relações que se concretizam na diocese e na paróquia, pode ser reconhecido o grave problema do clericalismo, na família acontece o patriarcalismo, a violência doméstica, dentre outros. Toda a Igreja é realidade sempre carente de reforma e conversão.

Nesse sentido, pode-se dizer que uma evangelização que não contemple, valorize e trabalhe as relações humanas, seja no espaço do templo, seja no espaço doméstico familiar, não atinge, de fato, a vida concreta das

pessoas, o coração dos convertidos e convertidas, o centro de irradiação de suas vidas.

Igreja doméstica: um indicador decisivo para a ação evangelizadora

Não se pode pretender que a “Igreja doméstica” seja evangelizada com uma pastoral de massa, com uma dinâmica de megatemplos, de grandes aglomerações, mas através da formação de pequeninas comunidades, com círculos bíblicos e pequenos grupos de reflexão, partilha, ação e celebração.

Estas células, por mais diretrizes e orientações que recebam da Palavra de Deus e dos clérigos, não podem ser nem uniformizadas, nem controladas pelo clero. É uma realidade na qual os cristãos leigos e leigas são os sujeitos condutores de seus processos internos, são os verdadeiros artífices, cuidadores, zeladores, guardiões. Há que haver o cultivo da confiança na presença de Deus, sempre estradeiro conosco, e na própria liberdade-responsabilidade de cada um. A “Igreja doméstica” favorece a emergência de sujeitos adultos, que refletem, filtram, interpretam, in-

ternalizam, dialogam e livremente se comprometem com a práxis cristã.

Por tudo isso, a “Igreja doméstica” deve ocupar o centro das atenções e das preocupações da ação evangelizadora da Igreja. Neste sentido, ela deve ser considerada um indicador concreto do nível de qualidade da vida cristã e da ação evangelizadora.

Igreja em saída digital

Se a “Igreja doméstica” pode ser entendida como a vivência da fé cristã no cotidiano das pessoas, para além dos templos, é preciso levar em conta também que hoje habitamos espaços aumentados, expandidos, conectados, graças à evolução tecnológica. Durante o confinamento devido à Covid-19, as “Igrejas domésticas” não se limitaram à própria casa, mas se conectaram com outros lares, unindo pessoas, famílias, grupos e comunidades em encontros de oração, formação e organização de ações pela internet. O fenômeno digital escancarou as casas ao mundo, fazendo com que as pessoas se sentissem “reconvocadas para fora”, para o “céu aberto” da comunicação. Com isso, passou-se a viver também uma nova eclesiali-

dade, ressignificada pelo fechamento dos templos devido à pandemia e, ao mesmo tempo, pela reabertura ao mundo possibilitada pela conectividade das redes.

Com isso, mesmo em um período de distanciamento social, a Igreja pôde continuar sendo – e talvez até mais – “em saída”, como pede o papa Francisco. Agora, porém, pelas “estradas digitais”, que, como diz o Papa, estão “congestionadas de humanidade, muitas vezes ferida: homens e mulheres que procuram uma salvação ou uma esperança”. Para Francisco, “abrir as portas das igrejas significa também abri-las no ambiente digital, seja para que as pessoas entrem, independentemente da condição de vida em que se encontrem, seja para que o Evangelho possa cruzar o limiar do templo e sair ao encontro de todos” (FRANCISCO, 2014). E ele mesmo dá o exemplo, com suas presenças no Twitter (nas várias contas @Pontifex), no Instagram (@Franciscus), no YouTube (com o projeto “O Vídeo do Papa”) e também no aplicativo Click To Pray, que motiva a rezar pelas intenções de Francisco ao longo do dia.

Alguns dados ajudam a ilustrar a importância do ambiente digital na vida cotidiana contemporânea. Segundo o instituto de pesquisas DataReportal, com dados divulgados no início de 2020, já são 150,4 milhões os

usuários frequentes de internet no Brasil, ou seja, 71% da população. Chama ainda mais a atenção o tempo médio de uso diário de internet por parte dos brasileiros: 9h17min, praticamente a metade de um dia, o que coloca o país no 3º lugar mundial em relação ao tempo de conexão (perdendo apenas para as Filipinas e para a África do Sul).

Em julho de 2020, o DataReportal publicou uma nova pesquisa, para entender as transformações que a pandemia havia provocado no cenário digital. Constatou-se que, durante o período inicial da quarentena, uma grande maioria dos entrevistados (entre 16 e 64 anos de idade) passou ainda mais tempo conectada: 70% em seus celulares, e 58% nas redes sociais digitais.

Ambiente de vida e de realidade

Esses dados confirmam aquilo que Bento XVI já afirmava em 2013: “O ambiente digital não é um mundo paralelo ou puramente virtual, mas faz parte da realidade cotidiana de muitas pessoas” e, por isso, “se a Boa Nova não for dada a conhecer também no ambiente digital, poderá ficar fora do alcance da experiência de muitos”

(BENTO XVI, 2013). O digital, portanto, é real. É uma realidade cultural e social. É uma expressão cada vez mais encarnada, concreta e material de humanidade.

É preciso, desse modo, superar a dicotomia “virtual x real”, “offline x online”. Hoje, vivemos uma experiência verdadeiramente “onlife” (FLORIDI, 2014), isto é, a conectividade e as redes digitais já são uma dimensão existencial das pessoas. É cada vez mais difícil – senão impossível – viver sem internet, ambiente no qual nos relacionamos, estudamos, trabalhamos, compramos, nos entretemos, rezamos etc. Em 2011, um relatório da ONU chegou a defender o acesso à rede como um direito humano característico do século XXI e afirmou que impossibilitar tal acesso ou desconectar a população viola esse direito (ONU, 2011).

Redes e ruas, portanto, estão mais do que nunca conectadas e interligadas. O “véu” dessa separação se rasgou há um bom tempo. Isso, por sua vez, também possibilita novas formas de encontro e de relação, inclusive com o sagrado. E, por isso, transforma a própria experiência e vivência da fé.

Ambiente de relação e de comunidade

Hoje, o Papa Francisco afirma que “a internet pode oferecer maiores possibilidades de encontro e de solidariedade entre todos; e isto é uma coisa boa, é um dom de Deus”. Segundo ele, “a rede digital pode ser um lugar rico de humanidade: não uma rede de fios, mas de pessoas humanas” (FRANCISCO, 2014). Francisco também já afirmou que “o uso da internet é complementar ao encontro em carne e osso”; é, inclusive, um “recurso para a comunhão” (FRANCISCO, 2019).

Especialmente nestes tempos de pandemia, surgiram novas formações comunitárias e eclesiais em rede. Constituíram-se verdadeiras “comunidades eclesiais digitais”, que se reúnem para rezar juntas, refletir e aprofundar a fé, como no fenômeno das “lives”, e, principalmente, partilhar o pão da Palavra. Com isso, elas atualizam, por outros meios e em outros ambientes, uma mesma busca de vínculo interpessoal e de experiência religiosa que outras formas de comunidade. Trata-se, no fundo, de “outro modo de ser Igreja”, em meio às diversas variações históricas das experiências comunitárias, que nunca foram as mesmas, nem iguais ao longo da história da Igreja e nas diferentes culturas.

É o que Francisco também ressalta na *Evangelii gaudium*: “Como podemos ver na história da Igreja, o cristianismo não dispõe de um único modelo cultural [...]. Não faria justiça à lógica da encarnação pensar num cristianismo monocultural e monocórdico” (EG 116). Cada modelo cultural, em sua diversidade, possibilita diferentes formas de encontro e de relação, de comunhão e de comunidade – em suma, de participação. E a fé cristã assume “o rosto das diversas culturas e dos vários povos onde for acolhido e se radicar” (EG 116).

Isso também vale para a chamada “cultura digital”. Nesse sentido, “as comunidades em redes digitais complementam e fortalecem as comunidades presenciais”, como afirma o Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil (n. 183). Mas isso, continua o documento, “exige uma renovada capacidade de dialogar com as pessoas”. Ou seja, conexão não é automaticamente relação. A comunidade é fruto da comunhão entre as pessoas, que, por sua vez, é fruto da capacidade de dialogar, de se abrir ao “outro”. Em rede, é preciso não apenas reconhecer a presença do irmão e da irmã, mas também envolvê-los e deixar-se envolver por eles, para que seja possível uma coparticipação ativa na experiência de comunhão e na construção de uma comunidade.

Ambiente de inculturação e de evangelização

O desafio é reconhecer as “formas e valores positivos” (EG 116) presentes na cultura digital e que podem enriquecer a evangelização, introduzindo-os na cultura eclesial. Trata-se de promover uma verdadeira inculturação digital que assuma as “categorias próprias da cultura [digital]” no anúncio do Evangelho, permitindo que a força do próprio Evangelho “provoque uma nova síntese com essa cultura” (EG 68).

Esse é um processo artesanal, que deve ser discernido e elaborado a partir das especificidades de cada contexto local, de acordo com os tempos, os lugares e as pessoas. É preciso também ter consciência crítica diante de tantos aspectos negativos das redes, como a desinformação, os discursos de ódio, as “bolhas” sociais e informacionais, a dependência tecnológica etc. Além disso, embora falemos de “cultura digital” no singular, as expressões da digitalização são as mais diversas, gerando diferentes “culturas digitais”, inclusive dentro de uma mesma região. O Brasil, aliás, ainda tem uma forte cultura não digital. De acordo com os dados apresentados no início deste texto, há ainda 29% de brasileiros desconectados.

Diante de tudo isso, o maior desafio pastoral é superar a lógica da “substituição” pela lógica da “complexificação”, da complementariedade, da interligação. Se o digital não se opõe ao “real”, então o desafio é promover uma complexa ecologia comunicacional pastoral, na qual “tudo esteja estreitamente interligado” (cf. *Laudato Si'*, n. 16). Se a pastoral quer ser verdadeiramente cristã, nos passos do Deus que se encarnou na história e na cultura humanas, interligando estreitamente o divino e o humano, e se quer ser verdadeiramente católica, acolhendo a universalidade e a diversidade humanas, ela é chamada a abandonar a lógica do “ou” e a assumir a lógica do “e”. Não se trata de viver a fé “ou” no ambiente digital “ou” nos demais ambientes sociais, mas sim de sair ao encontro das pessoas no ambiente digital “e” nos demais ambientes sociais, isto é, onde quer que elas estejam, para assim gerar comunhão e construir comunidade, como fez Jesus com os discípulos de Emaús (Lc 24,13-35).

Em outra passagem, Jesus também disse: “Onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, Eu estou aí no meio deles” (Mt 18,20). Trata-se de uma verdadeira promessa de presença real do próprio Jesus. O importante, aí, não é o “onde” em sentido geográfico, mas, sim, reunir-se em comunidade em nome de Jesus – em casa

ou no templo, a distância ou de perto, em rede digital ou fora dela – para experimentar a Sua presença e viver a comunhão com Ele.

À guisa de conclusão

Como vimos, “Igreja doméstica” e “Igreja em saída digital” são realidades que enriquecem e despertam possibilidades novas para a fé cristã se dizer, se configurar e concretizar a sua missão de ser “fermento”, “sal” e “luz” no complexo contexto em que vivemos. Ambas explicitam temáticas centrais para se pensar a atual vivência da fé cristã e, juntas, oferecem criativo e dinâmico indicador do nível de qualidade da ação evangelizadora contemporânea.

Referências

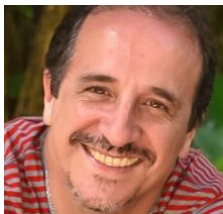
BENTO XVI. Redes sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização. Mensagem para o 47º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Vatican.va, Vaticano, 24 jan. 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/C3lCMV>>.

FLORIDI, Luciano (org.). The Onlife Manifesto: Being Human in a Hyperconnected Era. Londres: Springer, 2014.

FRANCISCO. Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro. Mensagem para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Vatican.va, Vaticano, 24 jan. 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/8JbLFr>>.

_____. “Somos membros uns dos outros” (Ef 4, 25): das comunidades de redes sociais à comunidade humana. Mensagem para o 53º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Vatican.va, Vaticano, 24 jan. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/3mE9ikM>>.

ONU. “Report of the Special Rapporteur on the promotion and protection of the right to freedom of opinion and expression., Frank La Rue”, Conselho de Direitos Humanos da ONU, 16 mai. 2011. Disponível em <<https://bit.ly/3hMpoFf>>.



Edward Guimarães. Doutor em Ciências da Religião pela PUC Minas e mestre em Teologia pela FAJE. Licenciatura em Filosofia pela PUC Minas (2020), bacharel em Teologia (1996) e Filosofia (1992) pela FAJE. É professor do Departamento de Ciências da Religião da PUC Minas, onde atua como secretário executivo do Observatório da evangelização. É membro da atual diretoria da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER).



Moisés Sbardelotto. Mestre e doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), com estágio de pesquisa doutoral (bolsa PDSE/Capes) na Università di Roma “La Sapienza”, na Itália. Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, onde realiza estágio pós-doutoral (bolsa Fapergs/Capes). É membro do Grupo de Reflexão sobre Comunicação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e consultor em Comunicação para diversos órgãos e instituições civis e religiosos. Desde 2008, é colaborador do Instituto Humanitas Unisinos (IHU). Autor de “Comunicar a fé: por quê? Para quê? Com quem?” (Vozes, 2020), “E o Verbo se fez rede: religiosidades em reconstrução no ambiente digital” (Paulinas, 2017) e de “E o Verbo se fez bit: A comunicação e a experiência religiosas na internet” (Santuário, 2012). Foi membro da Comissão Especial para o “Diretório de Comunicação para a Igreja no Brasil”, documento aprovado pela CNBB em 2014. De 2008 a 2012, coordenou o escritório brasileiro da Fundação Ética Mundial (Stiftung Weltethos), fundada por Hans Küng.

Entrevista: Sopradores de brasas

Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães

Presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Comunicação da CNBB e Reitor da PUC Minas

Em sua opinião, quais os principais ensinamentos que a Igreja pode apreender do contexto da pandemia?

Uma das atitudes mais belas do ser humano é dispor-se a novas aprendizagens. Somos sempre aprendizes. Pela capacidade de aprender, que nos faz exercitar várias habilidades, praticamos a criatividade necessária à vida. Quando deixamos de ser aprendizes, certamente deixamos de crescer, de melhorar, de viver e, provavelmente, nos tornamos autoritários, tiranos. Autoritarismo, arrogância, soberba são marcas que definem os que pensam que não mais precisam aprender. Isso se aplica também à Igreja, à comunidade eclesial, que se coloca diante de seu Mestre, Jesus Cristo, para todos os dias aprender Dele, com Ele e Nele. O processo de aprendizagem exige algo mais profundo que é o ato de apreender, de assimilar, mentalmente e no coração, algo novo, de abarcar com profundidade o novo, de tal maneira que mudamos nosso modo de viver, ao invés de sermos apenas pessoas muito informadas.

A Igreja pode – e deve – apreender ensinamentos da realidade, dos fatos, da história, principalmente aqueles que emanam do contexto da surpreendente, mas de alguma forma prenunciada, pandemia do novo coronavírus. Alguns ensinamentos são mais difíceis de serem apreendidos e, curiosamente, o que se apresenta, agora, como ensi-

namento novo, no fundo, já estava presente no cotidiano das “escolas de cristianismo”, que são as comunidades eclesiais.

O primeiro grande, novo-antigo ensinamento é que a Igreja como um todo, dos mais simples dos fiéis aos fiéis de maiores responsabilidades eclesiais, precisa saber distinguir o que é essencial do que é acessório, contingente, secundário, para uma coerente vida cristã. A dificuldade de identificar o essencial tem levado membros da Igreja a absolutizar o que é relativo e até desnecessário à vivência da fé. O núcleo da vivência da fé cristã é a adesão ao mistério da vida, paixão-morte e ressurreição de Jesus Cristo, único e suficiente caminho, iluminado pelo Espírito, rumo aos braços do Pai, e o que essa adesão implica. O apego ao excesso de regras, tradições, costumes, paramentos, devocionismos e fundamentalismos, discursos tipo pentecostalistas, aos louvores sem alteridade, reacionários, hermeticamente fechados, superficiais e até agressivos, tem gerado aparentes cristãos-católicos, porque se satisfazem com o “invólucro cristão” e não conseguem dar o passo para o fundamental encontro com o Senhor, que gera a “vida em Cristo” e a “liberdade libertada”, como gosta de afirmar o apóstolo Paulo. É como dizem os sábios: cultivar tradições não é fazer culto às cinzas, mas transmitir o

fogo, assim se expressou Gustav Mahler, um músico da passagem dos séculos XIX ao XX.

A pandemia ensina algo, pelo lado negativo da doença e da dor, que a *Laudato Si'* ensina, pelo lado positivo da ecologia integral, a ser assumido por todos: tudo está interligado. Aprender esse segundo ensinamento é rever o conceito de que o ser humano é o “dono predador” de tudo, inclusive uns dos outros, prevalecendo os mais fortes e descartando os mais fracos. O moderno humanismo antropocêntrico (um proposital pleonasma) tem alguma chance de ser superado por um novo humanismo, no qual tudo aparece sob o signo da vida, do amor, quem sabe o humanismo “agapicocêntrico” – pedindo licença para inventar essa palavra –, que indica a centralidade do amor e do Amor que Deus é. Aí, sim, a Vida, aquela em abundância, para a qual o Senhor veio (Cf. Jo 10,10) poderá ser protegida e amada, cuidada e bem vivida, numa rede onde tudo e todos, realmente, acham-se interligados.

Aprendemos ainda que o ambiente gerado pela pandemia, que recolheu as pessoas no distanciamento e isolamento sociais, obrigando-as à ausência do outro, ensina o quanto as pequenas coisas e os pequenos gestos devem ser valorizados e reconhecidos. Ao mesmo tempo,

leva o olhar humano para os pequenos de Deus, os empobrecidos, vulnerabilizados, enfermos, idosos, indígenas, ribeirinhos, quilombolas, segregados, encortçados, os milhões de pessoas humanas, que vivem na miséria. O contexto da pandemia tocou lugares interiores profundos do ser humano e tem ajudado muitas pessoas a se sensibilizarem e mudarem corações de pedra em corações de carne (Cf. Ez 36, 26), e ao mesmo tempo tornando-se, como deve ser a Igreja, “advogados dos pobres” (BENTO XVI, 2007).

Outro ensinamento de grande importância do contexto da pandemia é o gerenciamento do tempo e do espaço. Precisamos aprender a gerir o espaço para que todos os que têm relações de proximidade, por exemplo, os membros de uma mesma família, convivam com razoável contentamento. Nesse mesmo espaço reaprendemos a gerenciar o tempo, para que uns estudem, outros trabalhem, outros descansem ou se entretendam. A lição é pertinente e exigente. As condições de aprendizado dessa lição são precárias para milhões de pessoas, que não têm poder sobre seu espaço e seu tempo, porque se encontram na tarefa de sobreviverem, em meio ao crescente desemprego.

Por fim, mas sem esgotar possíveis lições deste tempo, fico a me perguntar se, sob o ponto de vista da teologia pastoral, passar pela imposição do isolamento social, quase sempre em casa, não obstante a variedade de “casas” ou daquilo que se poderia chamar de “casa”, não é um estímulo para a prática de uma Igreja verdadeiramente em saída. A mesma Igreja que pode beneficiar-se da pandemia, reforçando as práticas da Igreja Doméstica, pode também estimular a prática do sair em direção ao outro, especialmente ao outro sedento da experiência de Deus, faminto do reconhecimento que o tira do anonimato e da invisibilidade social e eclesial. Acho que sim.

A Igreja, em suas metodologias evangelizadoras e pastorais, seguirá sendo a mesma, ou as mudanças impostas pela Covid-19 poderão permanecer como novas propostas pastorais para a realidade pós-pandemia?

A evangelização destinada a todos e as ações pastorais desenvolvidas pelos grupos de cristãos católicos participantes da comunidade eclesial não poderão ser as mesmas, não só pelo tremendo impacto da pandemia,

mas porque evangelização e ação pastoral devem estar em constantes transformações, acompanhando a dinâmica da vida, em suas várias dimensões. Como essa dinâmica foi muito alterada pela pandemia, a evangelização e a ação pastoral estão em processo de mudança. Quando falamos em mudança, precisamos lembrar que são mudanças para melhor. É o que desejamos, sem descartar mudanças para pior. Quem renunciar ou blefar as mudanças poderão ser exemplo de mudança para pior.

Isso não quer dizer que todas as mudanças feitas às pressas, desafiando vários setores da Igreja, sobretudo a Pastoral da Comunicação, na realidade do novo coronavírus, sejam as mudanças a se conservar na prática evangelizadora da Igreja pós-pandemia. Por exemplo: mais que uma Igreja transmissora de celebrações litúrgicas, a Igreja precisa ser transmissora do Evangelho do Reino. Não porque as liturgias não sejam importantes, pois elas são e continuarão sendo, sobretudo a eucaristia, cume e fonte da vivência cristã, mas é porque as liturgias são de natureza presencial física. Elas exigem a materialidade dos sinais, para ser o que são chamadas a ser, sacramentos da Igreja, assim como Jesus Cristo é o sacramento do Pai. De agora em diante, contudo, as liturgias serão mais exigidas em sua preparação, celebração e vivência.

O mesmo se pode dizer da adoração ao santíssimo sacramento, que exige a presença física do Pão Consagrado, evitando assim que as pessoas até se ajoelhem diante da televisão, em casa, para fazer adoração. Muitos buscam sempre mais autenticidade como um valor fundamental da prática religiosa, e estão certos.

Outras práticas pastorais importantes, antecipadas na pandemia, devem ser aperfeiçoadas e mantidas como mudanças para melhor no caminhar da Igreja. Cito como exemplo as reuniões de presença online: conselhos pastorais em todos os níveis, conselhos para assuntos econômicos, planejamento pastoral, conselhos presbiterais, colégios episcopais e tantos outros. A própria CNBB tem feito, com muito bom resultado e grande economia, todas as reuniões das Comissões Episcopais Pastorais, como também as do Conselho Episcopal Pastoral (CONSEP) e do Conselho Permanente, com presença online, que é, de fato, uma forma de presença muito interativa. Essa mudança exigirá o discernimento da real necessidade das reuniões, porque desejamos que a experiência pastoral durante a pandemia tenha nos ensinado que, assim como o novo coronavírus, as incontáveis reuniões mal feitas, sem objetivo algum, desnecessárias, sejam eliminadas para sempre.

O mesmo se poderia dizer e esperar dos encontros de formação. São variadas as propostas de formação dos cristãos católicos e católicas. Aliás, não podemos nos esquecer que a formação e a educação da fé são componentes para se alcançar a maioria laical na Igreja e, conseqüentemente, conquistar lugares de decisão, como tanto tem desejado e expressado o papa Francisco, em suas alocações. Os processos de formação estão sendo feitos por meio da presença online e têm alcançado resultados muito bons. Já a catequese de crianças e adolescentes, pelas exigências dessas faixas etárias e suas psicopedagogias, estão online, mas anseiam profundamente o momento da presença física.

Toda a burocracia eclesiástica deve procurar simplificar-se e ser reduzida, sem prejuízo algum, ao mínimo necessário. Os caminhos de idas e vindas eclesiais precisam de desobstrução, seja na modalidade de presença física ou presença online. A porta de entrada para os contatos dos fiéis com a sua Igreja não deveria ser mais a secretaria – embora a ela seja sempre reservada uma missão muito importante: ser secretaria evangelizadora –, mas a comunidade nos momentos em que ela se reúne para celebrar ou para outra função presencial, nos momentos em que ela se encontra reunida digitalmente, ou

nos momentos em que ela se encontra, “missionariamente dispersa”, ou seja, cada um em seus afazeres cotidianos, cada membro em sua família, seu trabalho, seu lazer, suas ocupações realizadas com o espírito de Cristo.

Nesse sentido, a Igreja, hoje, tendo aprendido no tempo da pandemia, o que já é sabido pela teologia pastoral e pelos mestres da espiritualidade cristã, tem que ser mais querigmática, porque esta é uma Igreja peregrina, que busca a “essência do cristianismo” (Romano Guardini), que é Jesus, chamado Cristo porque é o ungido de Deus. Esta busca ajuda a Igreja a ser de fato *Ecclesia reformata et semper reformanda est*, e a aceitar reformar-se.

O querigma é o acendedor de luzes e esperanças neste tempo, desta pandemia do coronavírus, e o será pós-pandemia, quando continuaremos o enfrentamento a tantos outros vírus, porque ele anuncia e oferece aquele capaz de reencantar a vida pessoal e a comunidade eclesial, presente neste mundo como testemunha dele. Mas quando afirmamos a necessidade da dimensão querigmática, incluímos nela a dimensão catequética, aquela que conduz os encantados com Jesus ao seu conhecimento mais profundo e ao testemunho Dele e do Evangelho do Reino, no mundo. A concentração cristológica necessária à Igreja (e agora sobretudo à reforma da Igreja)

depende do anúncio entusiasmado do querigma que, se renunciado, implica abrir mão da centralidade de Jesus Cristo na Igreja.

O tempo da pandemia rematriculou-nos na escola da misericórdia, sobretudo porque nela aprendemos que ser misericordioso é colocar-se diante do outro diferente (mas da mesma comunidade), mais do que isso, é colocar-se diante do outro diverso, dessemelhante (não faz parte da mesma comunidade) e fazê-lo próximo: o que é excluído socioambientalmente, perdido, sofredor lancinante, o que não crê, a vítima da indiferença, do niilismo, da aporofobia (rechaço aos pobres), do idadismo que massacra os adultos e idosos para prestar culto à juventude, do contaminado pelo coronavírus e outros tantos vírus. O misericordioso é aquele que se fez misericordioso, colocando seu coração na miséria do outro, porque experimentou o amor de Deus colocado em sua própria miséria.

A Igreja pode melhorar. O ser humano pode melhorar. A sociedade pode melhorar. Poderão também se recusar a melhorar. Sair desta crise tão abrangente, geradora de tantos sofrimentos, deve nos fazer melhores.

A seu ver, a crise da pandemia, apesar de toda a dor e sofrimento que impôs a milhões de pessoas, pode representar uma oportunidade de mudança de rumos, de revisão de caminhos para a Igreja? Se sim, quais seriam esses novos rumos?

Pode, sim, representar uma oportunidade de mudança de rumos e revisão de caminhos para a Igreja. Tenho esperança que represente esta oportunidade. Ouço falar que a pandemia, apesar do sofrimento imposto a milhões, já está representando esta oportunidade. Mas, ao mesmo tempo, receio que as mudanças que serão operadas não cheguem ao cerne das mudanças necessárias e até indispensáveis para ela se tornar a desejada Igreja em Saída (este S é maiúsculo mesmo, ele aponta para uma nova eclesiologia, bem calcada nos valores cristãos e sobretudo na fidelidade a Jesus Cristo), a Igreja pobre para os pobres, a Igreja aberta a todos, a Igreja hospital de campanha, enlameada nos caminhos em companhia do povo de Deus, que a define, segundo o Concílio Vaticano II. A Igreja querigmática (anunciadora de Jesus e do seu Evangelho do Reino), catequética (que mergulha fundo na adesão, conhecimento e testemunho dele); servidora que pratica a misericórdia (que abraça o diferente e o di-

verso); testemunha da koinonia interna, com os outros cristãos e também com os membros de outras religiões; celebrante, liturgia (que vai ao cume e a torna fonte da vivência da fé cristã).

As mudanças de rumos devem favorecer a consolidação da eclesiologia do Vaticano II, que no decorrer dos tempos foi mostrando-se enfraquecida e agora é retomada com energia pelo papa Francisco e todos os que com ele estão, na empreitada, densamente espiritual, de abrir caminhos para que Deus opere a conversão em todos nós. Com isso estou afirmando que a reforma, que pode ter no contexto do pós-pandemia um elemento catalisador, não é meramente organizativa, administrativa, funcional, e nem mesmo uma reforma que se resume em fazer alocações dos seus recursos humanos nos mais importantes cargos.

Embora tudo isso seja útil, absolutamente necessário, a mudança de rumos que se espera é mais. Exige mais. Significa mais. Ela encontra sua razão de ser no campo espiritual, místico, porque a Igreja, chamada a ser a comunidade de discípulos e discípulas de Jesus, que se nutre da experiência de Deus, da união e da amizade com Ele, precisa sentir-se num “momento privilegiado do Espírito”, como ensinou Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi*.

É oportuno lembrar também que o próprio Concílio Vaticano II tratou a Igreja como Mistério, que coloca o povo reunido em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo, para ser uma Igreja viva, impregnada das luzes trinitárias.

Noutras palavras, a Igreja precisa recuperar, como tem se esforçado por fazer, em todo o seu vigor, em palavras e ações, em teologias e liturgias, em sinodalidades e colegialidades, em participações e inclusões, em ministerialidades e serviços, o próprio Projeto de Jesus, que provoca novas relações pessoais e comunitárias com o Senhor. Só a retomada do Projeto de Jesus pode ser verdadeiramente “algo novo” nesse processo de mudanças.

Os rumos são aqueles que realizam a esperança, porque “a esperança que tardar, põe doente o coração” (Pr 13,12). Se os rumos estão apontados para a realização da esperança, naturalmente a Igreja assume ser pneumatológica e deixa-se inspirar, soprar pelo Espírito Santo. A Igreja pode e deve tornar-se mais leve, mais rede de comunidades em comunhão do que organização, poder, lei, instituição. Como discípula ela se colocará de pé, na escuta da Palavra e na repartição do pão eucarístico. Estes rumos põem a Igreja sempre alerta e participe das alegrias e tristezas (*Gaudium et Spes*) do povo de Deus no mundo, sempre disponível e disposta a engajar-se, sem

medo, porque nada do que é humano lhe será estranho e em momento algum ela será intimista.

A mudança de rumos causa reações e um certo mal-estar, como uma espécie de desarranjo institucional com vistas a um arranjo melhor. Mas o que se pode esperar de um sério processo de mudanças é a conversão, metanoia, mudança que afeta a mente e o coração, o ser inteiro do cristão e da cristã, para que se tornem verdadeiramente testemunhas de Jesus Cristo na sociedade e na casa comum. A desinstalação é parte do processo de conversão. Como desinstala-nos lembrar o que foi dito, como corte cirúrgico, pelo teólogo jesuíta José Ignacio González Faus, em seu artigo de dezembro de 2018/IHU, citando um pensador do início do século XX, sobre a realidade da Espanha: “pobre catolicismo que nunca chegou a ser cristão”. A realidade latino-americana padece de uma grave ferida em sua história, que precisa ser curada, pois aqui é a única parte do mundo em que prevalece a maioria cristã concomitantemente a uma realidade de gravíssima injustiça, de assombrosa desigualdade social. Em outras partes do mundo há injustiças como aqui, mas a maioria não é cristã. E em outras, ainda, há maioria cristã, mas as injustiças não são como as daqui. Esta reflexão pode

ser aplicada ao Brasil, um dos países mais desiguais do mundo, cuja maioria se diz cristã.

Vemos, em muitas dimensões – religiosa, política, cultural, por exemplo –, um crescimento de expressões conservadoras, que vão na contramão do que propõe o papa Francisco. A que você atribui essa situação e como vê o futuro desse cenário? E a apropriação da religião e do nome de Deus para justificar posicionamentos ideológicos, em contradição com a essência do cristianismo?

Os conservadores de todos os segmentos e dimensões da sociedade sempre estiveram por aí. O que há de novo, agora, é que eles estão se organizando em movimentos conservadores, alinhados entre si, naturalmente com maior visibilidade. O conservadorismo está associado não unicamente a uma visão conservadora da sociedade e do mundo, mas também à ideia de fechamento a novas conquistas, ao futuro da humanidade, e ao mesmo tempo preconizam o retorno ao passado, retrocessos e negação das conquistas científicas. Eles têm uma grande

dificuldade com o tempo presente. Apegados ao passado, desejam o futuro com elementos por eles considerados seguros.

Quando falamos de conservadores, aqui, estamos nos referindo a estes movimentos retardatários e não às pessoas que se defendem dizendo que gostam de cultivar os valores e costumes do passado. Isso é saudável, desde que não as coloquem de costas para o presente e para o futuro. Os conservadores, no sentido que aqui estamos dando, são também, via de regra, reacionários política e economicamente, cultural e religiosamente. Os conservadores, na medida em que “cultuam as cinzas do passado”, precisam de argumentos que são organizados ideologicamente. Mas, numa democracia há lugar para todos, conquanto haja respeito às diferenças e modos diversos de viver e pensar. A Igreja é um bom exemplo de convivência entre pessoas que pensam e atuam diferentemente umas das outras, mas conservam a comunhão, ancoradas na unidade do que é essencial. Há tensionamentos, mas eles são às vezes dissimulados ou mesmo resolvidos, quando dialogados. A unidade é construída sobre a pluralidade, todos firmados nos mesmos fundamentos.

O grave problema que estamos vivendo em relação ao conservadorismo é de outra ordem. É que grupos

ideologicamente conservadores têm se tornado ultraconservadores. Esses grupos ultraconservadores se caracterizam pelo fechamento ao diálogo, pela imposição unilateral de seu pensamento e de seus costumes e ao mesmo tempo pela intolerância a tudo que é diferente, associado ao desejo de eliminar quem pensa e age diferentemente deles. Em meio a este processo são flagrados o uso de instrumentos e requintadas formas de violência, difamação, fake news, conspirações, manias persecutórias, afeição à mentira, fundamentalismos, determinismos, demonstrações de força bélica, relativismo ético, aparelhamento religioso, dentre outras. Repito, isso é altamente ideológico, embora seja negado que esta postura seja eivada de ideologias. Ao contrário, esses grupos acusam de ideológicos os de pensamento no campo progressista.

Pois bem, este problema do ultraconservadorismo, infelizmente, está também presente na Igreja. Não são poucas as expressões claras e amplamente divulgadas de ultraconservadorismo na Igreja. Aquele que emperra o caminhar eclesial, dificulta as reformas e os processos de conversão pastoral, opõe-se nitidamente ao papa Francisco e sua reforma fundada no Concílio Vaticano II, mas principalmente no Evangelho do Reino, anunciado por Jesus.

Esta discussão faz-me lembrar um filósofo francês que escreveu um texto chamado “Europe. La voie romaine”, Rémi Brague, ainda em 1972. Nesse texto ele faz uma distinção muito interessante entre “ser cristianista” e “ser cristão”. O primeiro prima pelo cuidado das coisas de Deus e da religião; o segundo prima pelo cuidado da pessoa. De modo geral os ultraconservadores se ocupam em primeiro lugar da defesa de suas ideologias e das coisas da religião e têm grande dificuldade de humanizar as relações e mais ainda de envolvê-las com o amor-agápico, que resulta da experiência do amor de Deus. É nesse meio que nascem e florescem o clericalismo, o carreirismo, o fundamentalismo religioso, o hierarquismo, a sensação de posse das coisas da Igreja como se fossem suas.

Um ponto nevrálgico é a associação do conservadorismo religioso, de qualquer tradição religiosa, com o poder político reacionário, normalmente liberal ou neo-liberal economicamente falando. Ambos são tremendamente afetados, os que se manifestam religiosamente assim e os que detêm o poder político, e dessa mistura sempre nascem tiranias e autoritarismos, justificados religiosamente. O papa Francisco tem suplicado, insistentemente, que cesse a associação do nome de Deus com

as guerras, porque isso é usar o nome de Deus em vão, blasfemar, deformar o cristianismo.

O cristianismo é chamado a uma refontalidade, a sorver a água cristalina da sua fonte primeira, a pessoa e a mensagem de Jesus Cristo. Ir ao encontro de sua essência para se reconfigurar nos moldes do Senhor é condição sine qua non para a Igreja continuar sendo o que ela tem que ser sempre: sinal da presença amorosa de Jesus Cristo, nosso redentor, em meio ao mundo. Esse movimento despe a Igreja de tudo aquilo que a distancia dos pequenos, para ser, ela mesma, sinal de Jesus Cristo, para todos, naquela perspectiva tão bela de Dom Tepe, “pequeno rebanho, grande sinal”. Nenhuma refontalização da Igreja dispensará a comunidade eclesial. A comunidade é a referência para o “ser cristão”, cuidador de pessoas.

Se um pouco antes de morrer, em agosto de 2012, o grande e admirado cardeal Carlo Martini, jesuíta, no alto dos seus 85 anos, teve a coragem de diagnosticar que “a Igreja ficou 200 anos para trás”, temos a dizer a ele que, como comunidade de fé em Jesus Cristo, animados e guiados pelo papa Francisco, estamos andando, apressadamente, para tirar o atraso, mesmo que isso custe demasiado para muitos de nós.

Aprendemos do cardeal Martini, que, por sua vez, aprendeu do teólogo Karl Rahner, que o fundamento da Igreja é a fé e Deus é Amor e que por isso precisamos tirar as cinzas de sobre as brasas da Igreja e soprá-la, para revigorar a chama.

Somos sopradores das brasas da Igreja, até fazê-la arder!

Referências

BENTO XVI. Sessão inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe. Discurso do Papa Bento XVI. Em Vatican. http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html. Acesso em 10/10/2020.

FAUS, I. G. Pobre catolicismo que nunca chegou a ser cristão. Em IHU. <http://www.ihu.unisinos.br/188-noticias/noticias-2018/585386-pobre-catolicismo-que-nunca-chegou-a-ser-cristao-artigo-de-jose-i-gonzalez-faus>. Acesso em 10/10/2020.



Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães. Licenciado em Filosofia (1982) e bacharel em Teologia (1988) pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC Minas, Belo Horizonte, Minas Gerais. Mestre em Teologia (1992) pelo Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, CES, atual Faculdade dos Jesuítas, FAJE, Belo Horizonte. Professor do departamento de Teologia PUC Minas. Professor do Instituto de Filosofia e Teologia Santo Tomás de Aquino, ISTA (1990-2005), Belo Horizonte. Professor do Instituto Marista de Ciências Humanas (1992-1995). Editor fundador da Revista HORIZONTE de estudos de Teologia e Ciências da Religião da PUC Minas. Temas de pesquisa: teologia pastoral ou teologia prática, antropologia teológica, eclesiologia, Concílio Vaticano II e Conferências Episcopais

da América Latina e Caribenha, Catequética, interface entre teologia e questões contemporâneas. Bispo auxiliar da Arquidiocese de Belo Horizonte. Presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Cultura e Educação (2011-2015) e atual Presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Comunicação (2015-2023), ambas da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB. Membro do Conselho das Edições CNBB 2015-2019. Presidente do Conselho Superior da Associação Nacional de Educação Católica, ANEC (2011-2015). Membro do Conselho de Desenvolvimento Social e Econômico do Governo Federal (2015-2016). Reitor da PUC Minas desde 2007.

Organizadores do projeto



Geraldo Luiz De Mori. Bacharel em Filosofia (1986) e Teologia (1992) pelo Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus - CES - (Belo Horizonte, MG, atual Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE -); licenciado em Filosofia pela PUC Minas (1990); mestre (1996) e doutor (2002) em Teologia pelo Centre Sèvres - Facultés Jésuites de Paris (França); pós-doutorado (2011/2012) no Institut Catholique de Paris. Professor de teologia sistemática no Departamento de Teologia da FAJE. Líder do Grupo de Pesquisa Interfaces da antropologia na teologia contemporânea. Membro do Conselho Editorial das Revistas Concilium, Teología y Vida, do Grupo de Santiago (que estuda teologia prática). Reitor da FAJE desde março de 2018.



Lucimara Trevizan. Possui graduação em Pedagogia (1987) e em Filosofia (1991) pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, e graduação em Teologia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino (1995). Possui especialização em Teologia Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2001). Atualmente é diretora executiva do Centro Loyola - BH. Tem experiência na área de Teologia Pastoral. É coordenadora do curso de Especialização em Catequética da CNBB-Regional Leste 2 e PUC-Minas e do curso de Especialização em Teologia Cristã Contemporânea da FAJE-Centro Loyola.



Edward Guimarães. Doutor em Ciências da Religião pela PUC Minas e mestre em Teologia pela FAJE. Licenciatura em Filosofia pela PUC Minas (2020), bacharel em Teologia (1996) e Filosofia (1992) pela FAJE. É professor do Departamento de Ciências da Religião da PUC Minas, onde atua como secretário executivo do Observatório da evangelização. É membro da atual diretoria da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER).

Cadernos Teologia Pública

N. 1 Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI – Johan Konings, SJ

N. 2 Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista – Maria Clara Bingemer

N. 3 A Teologia e a Origem da Universidade – Martin N. Dreher

N. 4 No Quarentenário da Lumen Gentium – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM

N. 5 Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner – Érico João Hammes

N. 6 Teologia e Diálogo Inter-Religioso – Cleusa Maria Andreatta

N. 7 Transformações recentes e perspectivas de futuro para a ética teológica – José Roque Junges, SJ

N. 8 Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos – Carlos Ribeiro Caldas Filho

N. 9 Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões – Rudolf Eduard von Sinner

N. 10 O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso – Michael Amaladoss, SJ

N. 11 A teologia em situação de pós-modernidade – Geraldo Luiz De Mori, SJ

N. 12 Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema – Pedro Gilberto Gomes, SJ

N. 13 Teologia e Ciências Sociais – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior

N. 14 Teologia e Bioética – Santiago Roldán García

N. 15 Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos – David Eduardo Lara Corredor

N. 16 Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento – João Batista Libânio, SJ

N. 17 Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

N. 18 Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II – Paulo Suess

- N. 19 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo – Karl-Josef Kuschel
- N. 22 Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs – Jacques Arnould
- N. 23 Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 24 O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica – Walter Ferreira Salles
- N. 25 A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 Música e Teologia em Johann Sebastian Bach – Christoph Theobald
- N. 28 Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino – Ana María Formoso
- N. 30 Espiritualidade e respeito à diversidade – Juan José Tamayo-Acosta
- N. 31 A moral após o individualismo: a anarquia dos valores – Paul Valadier
- N. 32 Ética, alteridade e transcendência – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 Religiões mundiais e Ethos Mundial – Hans Küng
- N. 34 O Deus vivo nas vozes das mulheres – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica – Victor Hugo Mendes
- N. 36 Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois – Joseph Comblin
- N. 37 Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla – João Batista Libânio

- N. 38 O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas – Peter C. Phan
- N. 39 Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo – Paulo Suess
- N. 40 Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha – Benedito Ferraro
- N. 41 Espiritualidade cristã na pós-modernidade – Ildo Perondi
- N. 42 Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta – Ildo Perondi
- N. 43 A Cristologia das Conferências do Celam – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 A origem da vida – Hans Küng
- N. 45 Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga – Maria Cristina Giani
- N. 46 Ciência e Espiritualidade – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana – Antônio Cechin
- N. 48 Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff – Águeda Bichels
- N. 49 Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 “Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão – Cesare Giraud, SJ
- N. 51 O Deus vivo em perspectiva cósmica – Elizabeth A. Johnson
- N. 52 Eucaristia e Ecologia – Denis Edwards
- N. 53 Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje – José A. Zamora
- N. 54 Mater et Magistra – 50 Anos – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I – Daniel Marguerat
- N. 56 Igreja Introvertida: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum” – Andrea Grillo
- N. 57 Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã – Elizabeth A. Johnson
- N. 58 As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo – Christoph Theobald

N. 59 Deus e a criação em uma era científica – William R. Stoeger

N. 60 Razão e fé em tempos de pós-modernidade – Franklin Leopoldo e Silva

N. 61 Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura – Karl-Josef Kuschel

N. 62 Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição – Luigi Perissinotto

N. 63 A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico – Felix Wilfred

N. 64 Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea – François Euvé

N. 65 O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade – Marco Lucchesi

N. 66 Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno – Mary E. Hunt

N. 67 Silêncio do deserto, silêncio de Deus – Alexander Nava

N. 68 Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites – Jean-Louis Schlegel

N. 69 (Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual – Degislando Nóbrega de Lima

N. 70 Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet – Moisés Sbardelotto

N. 71 Rumo a uma nova configuração eclesial – Mario de França Miranda

N. 72 Crise da racionalidade, crise da religião – Paul Valadier

N. 73 O Mistério da Igreja na era das mídias digitais – Antonio Spadaro

N. 74 O seguimento de Cristo numa era científica – Roger Haight

N. 75 O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa – Peter C. Phan

N. 76 50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro – José Maria Vigil

N. 77 As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja – Christoph Theobald

- N. 78 As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã – George V. Coyne
- N. 79 Papa Francisco no Brasil – alguns olhares
- N. 80 A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades – André Wénin
- N. 81 Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II – Victor Codina
- N. 82 O lugar da mulher nos escritos de Paulo – Eduardo de la Serna
- N. 83 A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel – Elcio Verçosa Filho
- N. 84 O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota” – Renato Ferreira Machado
- N. 85 Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica – Alexandra Lima da Silva & Rhaisa Marques Botelho Lobo
- N. 86 Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II – Peter C. Phan
- N. 87 O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25 – André Wénin
- N. 88 Política e perversão: Paulo segundo Žižek – Adam Kotsko
- N. 89 O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39 – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer – John W. O’Malley
- N. 91 Religiões brasileiras no exterior e missão reversa – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vásquez e Ushi Arakaki
- N. 92 A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek – Adam Kotsko
- N. 93 O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas – José Oscar Beozzo
- N. 94 Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco – John O’Malley
- N. 95 “Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente – Massimo Faggioli

N. 96 As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral

N. 97 500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas – Vítor Westhelle

N. 98 O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: a liturgia, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo – Gilles Routhier

N. 99 Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição *Gaudium et Spes* – Geraldo Luiz De Mori

N. 100 O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da *Gaudium et Spes* – Afonso Murad

N. 101 Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo – Elias Wolff

N. 102 A Constituição Dogmática *Dei Verbum* e o Concílio Vaticano II – Flávio Martinez de Oliveira

N. 103 O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje! – Emerson Sbardelotti Tavares

N. 104 A exortação apostólica *Evangelii Gaudium*: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II – Christoph Theobald

N. 105 Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer – Ney Brasil Pereira

N. 106 Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja – Rejane Maria Dias de Castro Bins

N. 107 O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia – Antonio Manzatto

N. 108 Morte como descanso eterno – Luís Inácio João Stadelmann

N. 109 Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica – Guillermo Kerber

N. 110 A Encíclica *Laudato Si'* e os animais - Gilmar Zampieri

N. 111 O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de *Dignitatis Humanae* e *Amoris Laetitia* – Andrea Grillo

N. 112 O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco – Christoph Theobald

N. 113 Lutero, Justiça Social e Poder Político: Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos – Roberto E. Zwetsch

N. 114 *Laudato Si'*, o pensamento de Morin e a complexidade da realidade – Giuseppe Fumarco

- N. 115 A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 116 A Igreja em um contexto de “Reforma digital”: rumo a um *sensus fidelium digitalis*? Moisés Sbardelotto
- N. 117 *Laudato Si’* e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência? – Gaël Giraud e Philippe Orliange
- N. 118 Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas – Ildo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi
- N. 119 A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica – Thyeles Moratti Precilio Borcarte Strelhow
- N. 120 Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política – Amos Yong
- N. 121 Viver as Bem-aventuranças numa Igreja em saída – Tea Frigerio
- N. 122 Ser e Agir, o Reino e a Glória: a Oikonomia Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental – Colby Dickinson
- N. 123 A sensibilidade religiosa de Thoreau – Edward F. Mooney
- N. 124 Diáconas na Igreja Maronita – Phyllis Zagano
- N. 125 Comportamentos normatizados e a noção de profanação: uma reflexão em Giorgio Agamben – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 126 Teologalidade das resistências e lutas populares – Francisco de Aquino Júnior
- N. 127 A glória como arcano central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão – Colby Dickinson
- N. 128 O Princípio Pluralista – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 129 Deus e o Diabo na política: compaixão e vocação profética – Ivone Gebara
- N. 130 Deslocamentos genealógicos da economia teológica segundo Agamben – Joel Decothé Junior
- N. 131 A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval – Gerson Leite de Moraes e Daniel Nagao Menezes
- N. 132 O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneos – Massimo Borghesi
- N. 133 Os documentos eclesiais pós-sinodais “*Familiaris Consortio*” de Wojtyla e “*Amoris Laetitia*” de

Bergoglio como respostas aos desafios da pastoral matrimonial – José Roque Junges

N. 134 A universalidade e o (não) lugar político da Igreja no mundo de hoje. A eclesiologia da globalização de Francisco – Massimo Faggioli

N. 135 A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento – Juan Carlos Scannone S.I.

N. 136 Amoris Laetitia: aspectos antropológicos e metodológicos e suas implicações para a teologia moral – Todd A. Salzman e Michael G. Lawler

N. 137 A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica Evangelii gaudium – Paulo Suess

N. 138 O pontificado de Francisco e o laicato na missão da Igreja hoje. Avanços e impasses da “parrésia eclesial” – Andrea Grillo

N. 139 A Opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança? – Austen Ivereigh

N. 140 A liturgia, 50 anos depois do Concílio Vaticano II: marcos, desafios, perspectivas – Andrea Grillo

N. 141 Franciscus non cantat: Um discurso, alguns percursos e ressonâncias acerca da música litúrgica pós-conciliar – Márcio Antônio de Almeida

N. 142 Para além do limiar do Templo: apontamentos éticos para uma pastoral em modo on-line – Thiago Isaias Nóbrega de Lucena e José Joanees Souza Oliveira

N. 143 A Conversão de Agostinho de Hipona, interpretada em reflexões sobre a expressão *Intellige Ut Credas* – Orlando Polidoro Junior

N. 144 Teologia Pública e Práxis Pastoral: considerações em vista de uma Pastoral Pública - Luis Carlos Dalla Rosa

N. 145 O debate sobre o princípio pluralista: um balanço das reflexões sobre o princípio pluralista e suas aplicações - Claudio de Oliveira Ribeiro

N. 146 Juventudes e vivência ecumênica - Rosemary Fernandes da Costa

N. 147 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte I - O fim de um mundo? - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães

N. 148 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte II - As dores do parto - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães



UNISINOS

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

